

Tema: Brincadeiras Juruás* e brincadeiras indígenas nas aulas de Educação Física:
Compreendendo e respeitando as diferenças.

(* não indígenas na língua guarani)

Profª Carin Sanches de Moraes

O resumo a seguir, diz respeito as atividades que ainda estão em andamento com a 4ª série A do ensino fundamental nas aulas de Educação Física da Emef. Olegário Mariano, localizada na Vila São José, região sul da cidade de São Paulo, pertencente a DRE Capela do Socorro.

Passsei a elaborar as minhas atividades nas aulas de educação física com base no PP e no PEA. (**PP**: Política de ação educativa. Multiculturalismo e ética. **PEA**: Desenvolvimento de uma ação cultural e ética, contribuindo para a formação da cidadania e competência leitora e escritora. **Meta**- Multiculturalismo: desenvolvimento integrado dos projetos da U.E. Ampliando o conhecimento e compreensão da educação enquanto ser social, garantindo o respeito a diversidade étnica, social e religiosa.)

:A manifestação corporal que escolhi para desenvolver as atividades foi a brincadeira. Escolhi essa manifestação por considerá-la a atividade que eles mais realizam durante o período que estão na escola e também por compreendê-la como a própria diversidade. Acompanho a turma desde que ingressaram na unidade, ou seja, desde a primeira série do ensino fundamental. Durante esses anos de convivência observei no decorrer das atividades realizadas preferências por algumas brincadeiras, como queimada, pega-pega e cordas. Ao iniciar as vivências com os alunos, propus a eles uma conversa acerca das brincadeiras que eles realizavam nos variados espaços que eles frequentavam. Na intenção de compreender melhor qual a representação que eles tinham sobre brincadeiras, fiz a seguinte pergunta: Qual é o significado de brincadeiras para vocês? Responderam que brincadeira significava alegria, diversão, felicidade, espaço, amizade, correria, jogos e que era muito legal.

Após a conversa fomos para quadra brincar, o objetivo de vivenciar as brincadeiras era o de fomentar as variadas formas de brincar de uma única brincadeira, e que essas formas variavam de acordo com o lugar e costumes de determinados grupos. Selecionei as brincadeiras da queimada, pega-pega fruta e brincadeiras com cordas. Iniciamos pela queimada, surgiram alguns conflitos no sentido de ter regras diferentes para o mesmo jogo. Aproveitei a discussão e fiz algumas colocações, no sentido de mostrar para a turma que todas as formas apresentadas de jogar a queimada estavam certas e que seria bem interessante experimentarmos as formas que os colegas estavam apresentando. Após a vivência corporal, conversamos sobre o que observamos no jogo.

A ideia inicial era a de dar seguimento nas brincadeiras apresentadas por eles, porém, antes de reiniciarmos as nossas atividades, tive a oportunidade de conversar com a professora da sala e expor o que eu estava desenvolvendo com os alunos. Ela me disse que estava trabalhando um pouquinho de história com a sala e que estava pautando os grupos indígenas que viviam no Brasil antes da invasão europeia. Considerei o tema relevante e achei que poderia incluir nas aulas da turma algumas brincadeiras indígenas para que eles

pudessem conhecê-las e relacioná-las com as brincadeiras que fazem parte do seu repertório cultural, pois fomentaria a discussão sobre o respeito as diferenças. Na aula seguinte, conversamos um pouco sobre as brincadeiras indígenas. Perguntei se eles conheciam os indígenas e se faziam ideia de como brincavam. O objetivo da conversa foi o de saber qual representação tinham sobre os indígenas e suas brincadeiras. Deram as seguintes respostas: os índios são nojentos e sujos, não tem higiene, são legais, são diferentes da gente, tem outros costumes, são japoneses, vivem pelados, dependem da natureza, caçam para viver, se pintam, fazem barulho com a boca iguais aos bichos, comem peixe cru, não comem peixe cru. Com relação as brincadeiras dos indígenas disseram que eles brincavam de: arco e flecha, peteca, subir na árvore, estilingue, tirolesa, pesca, corrida, vídeo game, lutas, futebol e bonecas. No momento que conversávamos sobre os indígenas e suas brincadeiras os conflitos de opiniões voltaram, pois alguns alunos falavam dos índios de maneira displicente causando uma certa revolta por parte de outros alunos que defenderam os indígenas, dizendo que eles só eram diferentes e que eram pessoas como nós. Diante daquela discussão e divergências de opiniões acerca dos indígenas, perguntei para turma como sabiam tudo aquilo. Alguns responderam que viram na TV, nos jornais impressos e nos livros que leram na escola, outros disseram que conheciam os indígenas de uma excursão feita pela escola e também os encontravam aos sábados na feira livre pedindo dinheiro para as pessoas e também na banca de pastel. É válido dizer que a presença dos indígenas se dá nas proximidades da escola, pelo fato de haver duas aldeias indígenas guarani na região de parselheiros, local pertencente a subprefeitura vizinha. Com base nas respostas dos alunos compreendi que deveria dar andamento nas vivências com uma brincadeira indígena, justamente para dialogar com representações expostas para proporcionar problematizações que dessem conta de possibilitar a compreensão dos alunos através da desestabilização provocada pela atividade da cultura indígena

Por já ter passado um período no Parque Indígena do Xingu, me recordei de ter presenciado em muitos momentos no pátio da aldeia as crianças brincarem de UKA UKA, que é uma luta praticada culturalmente pelos adultos da aldeia em atividades festivas. Decidi começar por aí, pelo UKA UKA.

Na vivência corporal, iniciamos uma roda de conversa onde apresentei a brincadeira UKA UKA, suas regras e quais grupos indígenas as praticavam. Disse a eles que UKA UKA era uma luta do povo indígena do Xingu praticada pelos adultos das aldeias, que normalmente são praticadas nos rituais do KUARUP, que para os xinguanos significa a festa de despedida do luto. São rezas, lutas e danças, onde os indígenas ficam a noite inteira ao lado de troncos enfeitados, os chamados kuarups, que representam os mortos. As crianças não lutam nos dias do ritual, mas é possível observá-las brincando de UKA UKA no pátio da aldeia no seu cotidiano, pois meses antes do kuarup os indígenas da aldeia se preparam para o ritual, tocam taquara, dançam e treinam o UKA UKA. As crianças normalmente acompanham seus pais e irmãos mais velhos enquanto treinam no pátio da aldeia, elas se divertem entre elas brincando a sua maneira de UKA UKA.

Os alunos demonstraram interesse pelo assunto, foi então que eu propus a vivência corporal, demonstrei o movimento da luta e expliquei sobre as regras utilizadas pelos indígenas, em seguida iniciamos a brincadeira. Os alunos se organizaram em duas filas, sendo os meninos separados das meninas Em duplas subiam no colchão e iniciavam a luta

de joelhos, um de frente para o outro, a brincadeira terminava quando um dos dois lutadores derrubasse o outro no chão ou o colocasse de pé. No decorrer da aula duas alunas vieram até mim e perguntaram se podiam lutar com os meninos. Chamei os alunos e perguntei se eles concordavam em lutar contra as meninas. Alguns concordaram e outros não. Lutaram apenas os interessados. Os alunos que não tiveram interesse em lutar ficaram na torcida. No momento da luta os alunos ficaram muito empolgados, principalmente as meninas, pois venceram todas as lutas dos meninos. Perguntei o que eles tinham achado, se tinham gostado. A maioria respondeu, dizendo que era bem diferente do que já tinham brincado e que gostariam de brincar mais vezes.

Na aula seguinte fizemos o registro das atividades vivenciadas nas aulas anteriores com o objetivo de deixá-los menos expostos e mais a vontade para dizer o que acharam das vivências, pois constatei no momento em que fizemos a roda de conversa, que alguns alunos estavam acanhados para colocar as suas impressões, considerei que a escrita e o desenho como registro contemplariam esses alunos. Neste mesmo dia levei para turma um texto que narrava a história dos povos indígenas no Brasil, desde sua população inicial e os efeitos causados pelas ações dos europeus. Lemos o texto e tinha como objetivo iniciar uma discussão acerca dos fatos narrados. Na intenção de aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o povo do Xingu e sua cultura, selecionei alguns vídeos na internet e fotos pessoais que fiz quando estive no Xingu com imagens da cerimônia do kuarup, principalmente as que os indígenas praticavam o UKA UKA. Os alunos observaram as fotos fizeram uma série de questionamentos e pelo o que observei gostaram bastante. O mesmo aconteceu quando assistiram ao vídeo. É válido lembrar que a atividade ainda está em andamento e que já consigo perceber mudanças nos discursos e olhares dos alunos com relação aos povos indígenas.